

Por vontade expressa da autora, a presente edição não segue a grafia do novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa

info@marcador.pt  
www.marcador.pt  
facebook.com/marcadoreditora

© 2016  
Direitos reservados para Marcador Editora  
uma empresa Editorial Presença  
Estrada das Palmeiras, 59  
Queluz de Baixo  
2730-132 Barcarena

Título: *Naquela Ilha – Todos somos pedaços de um amor maior*  
Autora: Ana Simão  
Revisão: Silvina de Sousa  
Paginação: Maria João Gomes  
Arranjo de capa: Vera Braga / Marcador Editora  
Impressão e acabamento: Multitipo – Artes Gráficas, Lda.

ISBN: 978-989-754-267-1  
Depósito legal:

1.ª edição: Julho de 2016

A ilha é o mundo, lá longe, quando tudo começou. Sempre que lá vou tenho a leve sensação de já lá ter estado há milhões de anos. Foi lá que aprendi a lavar a alma. Foi lá que aprendi a ver. Eu sei que há muitos que nunca a conseguem ver, mesmo lá indo. É preciso saber descobri-la, senti-la, tomar-lhe o pulso. Não é para qualquer um, eu sei. E só se mostra a quem a quer ver. Foi isso que o meu pai me ensinou em criança, desde que me levou lá pela primeira vez.

Foi lá, na ilha, que aprendi a amar sem nunca ter amado. Foi preciso apareceres tu para perceber que, afinal, nunca tinha amado ninguém. Na ilha não há o conforto que alguns podem encontrar aqui, na chamada civilização, mas há o teu colo e os teus braços, e isso é tudo. Aqui, neste mundo miserável, há umas paredes que são um quarto vazio. Faltas-me tu e falto eu. Porque eu só existo quando estou contigo.

*Nas incertezas da vida*

– *S*e me dissessem quando eu ia morrer, preferia não ter vindo a este mundo. Mas foi isso que me disseram, assim sem mais nem menos, como se me dessem um estalo. E deram. Vendo bem, isto foram muitos estalos juntos. Estaladas em riste, de um lado e do outro, bofetadas sem mãos, a doer por dentro. E essas são as que doem mais, sabias? Disseram-me aquilo que ninguém gosta de saber, e agora? Deixei de viver, sim, foi isso que me aconteceu: deixei de viver.

Giovana, sentada no alpendre do Surfcastle, avista as luzes de uma traineira, lá ao fundo, naquele mar sem fim.

– Vês aquele barco? Eles não sabem o que vai acontecer. É por isso que vão. Porque não sabem nada, e isso é bom. Tiraram-me o melhor que a vida tem, que é esta incerteza de não saber nada. E o nada é isso mesmo, o vazio. E é no vazio que tudo acontece. É nele que a vida se faz.

*Thomas* parece ouvi-la com muita atenção. É mudo.

– Tenho medo. E o pior de tudo é que tenho de carregar com isto sozinha. Não posso contar a ninguém. A ninguém mesmo, entendes? Iriam fingir que acreditavam e dizer-me que tivesse calma porque, quando não se sabe o que dizer, fica sempre bem dizer uma coisa assim que dá para tudo. Depois, iriam gozar-me nas minhas costas e, na melhor das hipóteses, seria internada num hospital psiquiátrico como sendo louca, portadora de uma qualquer esquizofrenia ou coisa que o valha. E tu sabes bem que não estou louca. Ajuda-me, *Thomas*; já não sei o que fazer!

Giovana abraça-se a *Thomas*. Ela – que quando ouve um nome vê logo a cor dele – adivinha em *Thomas* um nome de cor preta. Mas há o preto bonito e o preto feio, e o nome do *Thomas* é de um preto muito bonito.

– Também não digo a ninguém que vejo as cores dos nomes, nem que vejo cores novas que nunca ninguém viu. Se soubessem desta paleta de cores que tenho dentro de mim, pediam-me logo que as pintasse. E depois? Era o bonito, era.

Ele continua mudo, como sempre está. Mas agora, ali, no alpendre do Surfcastle, está ainda mais mudo. Olha Giovana, com aquele olhar de ternura, nos seus olhos cor da noite.

– Vamos dormir, *Thomas*?

Subiram as escadas, de madeira envelhecida, até ao quarto.

Recostada na antiga cama de dossel, tentou dormir, na calada de uma noite que lhe trazia à memória pensamentos que mais pareciam premonições do mal. Naquela noite de Verão clamava pelos pensamentos bons e tentava segurá-los dentro de si como quem segura a vida que traz consigo. Levantou-se, deitou-se e andou assim de um lado para o outro, a embalar a vida que chorava dentro dela. Finalmente adormeceu.